

Identidades goianas: percepção e ensino de geografia em Goiânia (GO)

Joyce de Almeida Borges.

Mestranda, UFG/IESA

Orientadora: Maria Geralda de Almeida

Introdução

A educação, na contemporaneidade, vislumbra novas concepções de mundo e novas interpretações espaciais geográficas. Elas contribuem com os estudos em sala de aula sob diferentes ângulos. E, um destes ângulos, que tem sido enfatizado no decorrer da década de 1990 e início do século XXI, é calcado nas abordagens culturais.

O enfoque cultural é cabível para ser utilizado metodologicamente em sala de aula e fora dela principalmente no Ensino fundamental, ao contrário do que muitos de nós imaginamos. Um dos grandes problemas da sociedade atual é saber conviver com as diferentes identidades, como respeitar e valorizar as comunidades tradicionais, os grupos de cada etnia, as culturais regionais e os valores dos diferentes povos que habitam o espaço terrestre.

Sendo assim, o papel do sistema educacional em Goiânia e, nesse sentido, como ele pode favorecer para tais temáticas junto ao ensino de Geografia são questões a serem exploradas no decorrer desta pesquisa.

Este artigo está composto de seções. Na primeira dela propomos a discutir sobre a diversidade cultural, as identidades para esta reflexão nos baseamos em diferentes autores de diferentes áreas. Na segunda parte discutiremos sobre Goiânia, suas práticas culturais posteriormente finalizaremos com algumas considerações sobre o ensino de Geografia e a abordagem cultural.

1. Da diversidade cultural, as identidades: o universo

Diante da mercantilização cultural globalizadora em que vivemos, aliar a abordagem cultural da Geografia às questões políticas, territoriais, e até físicas que envolvem a Geografia, se torna um desafio motivador e um dos mecanismos de possível construção do respeito à diversidade cultural. E, pode ser uma das formas de conduzir sujeitos à reflexão-crítica, à transformação espacial, social e cidadã.

Para estudar as identidades goianas junto ao ensino de Geografia inicia-se por uma reflexão das categorias de análises que nortearam a pesquisa. O espaço está impregnado de relações simbólicas, os símbolos constroem os lugares na cidade, e as significações culturais registram as identidades. O cotidiano pode forjar as identidades, e possibilita cada vez mais identidades vinculadas ao território.

Portanto, as identidades e suas conceituações precisam ser discutidas. Na contemporaneidade, a crise de valores, conflitos sociais, políticos, ambientais reflete no colapso de identidades ressaltado por Woodward (2000, p.39): “Os processos históricos que, aparentemente, sustentavam a fixação de certas identidades estão entrando em colapso e novas identidades estão sendo forjadas, muitas vezes por meio da luta e da contestação política”. O que estaria ocorrendo então com as diferentes identidades? Woodward (2000, p.12) questiona: “Há uma crise de identidades? Há questões essencialistas e perspectivas não essencialistas sobre identidade”.

As identidades podem ser forjadas, de resistência ou de projeto, como destaca Castells (1996). Este autor identifica três tipos de identidades: legitimadora (introduzida pela instituições dominantes), de resistência (dos grupos que tentam resistir ao processo de hegemonia cultural) e as de projeto (que forjam identidades para mudar sua condição social de forma estratégica). No caso de Goiânia, esta possui identidades construídas pela mídia, pelos grupos dominantes de poder, de resistência, pelos grupos de minorias, e de população proletária que se organizam em grupos sociais, ou as de projeto, grupos urbanos que se utilizam do discurso identitário para conseguir benefícios na cidade, ou para a cidade, e para seus grupos.

As identidades são características de determinados grupos sociais identificadas pela sua maneira de viver e se relacionar com o mundo, com vivências historicamente culturais semelhantes, que estão em constantes transformações. Como afirma Almeida (2008, p. 49):

Tem-se a clareza de que as identidades imbricam-se, mesclam-se e apresentam dinamicidade, construindo uma diversidade identitária, o que reforça o argumento sobre a impossibilidade de se cogitar sobre a pureza de uma identidade cultural e territorial.

Complementando esta opinião de Almeida, Cruz (2007, p. 18.) também diz que “a identidade é construída subjetivamente, baseada nas representações, nos discursos,

nos sistemas de classificações simbólicas, embora não seja algo puramente subjetivo e não se restrinja á textualidade e ao simbólico”.

E Woodward (2004) afirma que os significados das representações “dão sentido aquilo que somos”. Assim, quais os discursos construídos sobre Goiânia e Goiás? Como esses discursos são produzidos e assimilados no cotidiano e nas práticas educativas no ensino de Geografia? Essas representações sobre Goiânia expressam a essencialidade do que é ser goiano para os jovens da contemporaneidade na periferia e no centro, ou possuem múltiplas interpretações?

Sobre a definição de identidade cultural Stuart Hall (1976, p.68) define:

A primeira posição a define em termos de cultura partilhada, uma espécie de “ser verdadeiro e uno” coletivo, oculto sob os muitos outros “seres” mais superficiais ou artificialmente impostos, que pessoas com ancestralidade e história em comum compartilham. Pelos termos dessa definição, nossas identidades culturais refletem as experiências históricas em comum os códigos culturais partilhados que nos fornecem, a nós, como um “povo uno”, quadros de referência e sentido estáveis, contínuos, imutáveis por sob as divisões cambiantes e as vicissitudes de nossa história real.

A identidade á algo em constantes transformações em sintonia com a cultura, o espaço e a história de cada povo. Além do que a identidade individual passa a ser modificada por influências do meio social. Por exemplo, alguém na infância pode apresentar uma identidade cultural completamente diferenciada da que possui na vida adulta, pois o meio passa a interferir na sua formação, ocasionando mudanças nos hábitos culturais, nos costumes. Então a identidade pode ser reinventada como afirma Almeida (2008, p. 53) e recheada de símbolos, mensagens, simbolismos que podem ser interpretados:

Essa reinvenção se dá pela (re) significação das coisas naturais e na reafirmação delas como partes e produtos da sociedade. Refletir pois, sobre tais coisas, pela transversalidade da cultura, é considerar que elas possuam signos e mensagens e , é interpretar o valor social a elas agregadas.

Bonnemaison (2002, p. 99) classifica como “geossímbolo” as transformações existentes em um dado território, sejam elas de natureza espacial, cultural, social ou que modificam a organização espacial, segundo suas necessidades particulares de um dado grupo: “O geossímbolo pode ser um lugar, um itinerário, uma extensão que, por razões políticas, religiosas ou culturais, aos olhos de certas pessoas e grupos étnicos assume

uma dimensão simbólica que os fortalece em sua identidade” afirma aquele autor. Assim, os símbolos de Goiânia, fortalecem as identidades dos sujeitos da metrópole. A intenção é de interpretá-los na perspectiva do ensino de Geografia.

2. Goiânia: cidade de múltiplas espacializações culturais

È importante fazermos uma breve apresentação da cidade de Goiânia, considerada como uma metrópole regional de grande importância para o país, com uma economia de destaque principalmente na região Centro-oeste, conforme Arrais (2004, p. 100):

Goiânia é o município mais populoso da região Centro-Oeste do Brasil, com mais de um milhão e cem mil pessoas. Seu destaque no cenário goiano pode ser resumido nos seguintes números, segundo a revista Economia e desenvolvimento (2003): 28,95% do PIB de Goiás, em 2000, provinha de Goiânia, 22,8% dos eleitores de todo o estado em 2003 tinham Goiânia como domicílio eleitoral, 38,3% dos estabelecimentos industriais e 34,1% dos estabelecimentos de comércio, em 2002, encontravam-se em Goiânia. O peso de Goiânia fica mais evidente quando consideramos sua região metropolitana, formada por onze municípios, com uma população superior a 32% da população de Goiás, em menos de 2% da área total do estado.

Neste sentido, Goiânia enquanto metrópole, está emersa em um espaço simbólico, conduzido por classes sociais, poder, e agentes sociais, em disputas territoriais e identitárias. Sobre isso, podemos dialogar com Oliveira (2008, p. 238) quando afirma que a cidade de Goiânia, com o apoio da prefeitura tem por objetivo ganhar visibilidade em eventos como quando ocorreu a Conferência do Rio para o Meio Ambiente (ECO 92) com o slogan de “cidade ecologicamente correta”.

Segundo Arrais (1999, p. 21) isso foi “uma estratégia política lançada pelo poder público municipal para estabelecer uma imagem para a cidade”. Na gestão de Darci Accorsi, a prefeitura passou a “investir” no melhoramento das áreas verdes da cidade, o que fez com que em 1996, Goiânia recebesse o título de cidade ecologicamente correta. Isso resultou na revitalização de praças também na cidade, e como consequência, posteriormente, Goiânia na gestão 1996-2000 estabeleceu “metas de florir a cidade” (Oliveira, 2008, p. 239).

Esses discursos reconstruídos pela mídia, pelo poder público, ressignificam a cidade com rótulos que exprimem uma imagem de cidade com boa qualidade de vida, o que pode ser uma estratégia para arrecadar rendas, turistas, empresas. Assim, as identidades forjadas para Goiânia estão estritamente relacionadas a poder, capital, ideologias, território, e disputas entre classes sociais. Cria-se um simbolismo

mercantilista, a “sociedade do espetáculo” conduzindo um marketing urbano no qual a grande mercadoria é a cidade.

Outros rótulos sobre Goiânia foram apresentados por Chaveiro (2007, p. 27): “Capital do Cerrado”, “capital do sertão”, “capital Country”, “capital da música urbaneja”, “capital do pequi”. Esses rótulos propõem uma revalorização das paisagens, do meio ambiente, da música sertaneja, do mundo country, com ideais mercadológicos que vendem a cidade. Até mesmo a tradição vira comércio, e a globalização é que impulsiona a criação de símbolos capitalistas. Esses símbolos revelam de fato o território identitário de Goiânia?

Segundo Haesbaert (1997, p. 53): “Toda identidade territorial é uma identidade social definida fundamentalmente através do território [...]”. Como o território representa as culturas, vivências e práticas cotidianas? Como as identidades goianas estão territorializadas no território em Goiânia? Porém, cabe destacar, nem toda identidade social (como a identidade de gênero, por exemplo) toma, obrigatoriamente, o território como um de seus referenciais centrais” (Haesbaert, 1999, p. 172) pois as identidades possuem uma carga simbólica muito forte, não necessariamente esteja expressa em um território propriamente dito, como palco, mas no imaginário, no simbolismo, na subjetividade.

Sobre as instabilidades e fluidez das identidades contemporâneas Haesbaert (1999, p.186) destaca:

Se no passado podíamos estabelecer identidades mais estáveis e buscávamos referenciais com uma base territorial mais concreta em nossos processos de identificação social, acreditando até mesmo numa coerência obrigatória entre coesão territorial e identidade cultural, neste final de século o que parece dominar é a fragmentação identitária, tanto pela atomização individualista quanto pela “identificação desidentificadora” da mercantilização, onde todo objeto seduz pelo seu valor de mercado.

A fluidez da identidade pode ser aplicada para Goiânia, este passa por influência cultural, e de múltiplas identidades e espacializações, em diferentes contextos, de classe social, etnia e gênero.

O território goiano não possui fronteiras culturalmente delimitadas, uma vez que este influencia os demais estados brasileiros e é influenciado pela cultura de outros estados pela vinda de imigrantes que constituíram todo o espaço goiano. As múltiplas identidades de um determinado território compõem um mosaico em constantes construções e revitalizações, mercantilizadas muitas das vezes pela lógica do sistema capitalista, e sofre influências do mundo global. Assim questiona-se até que ponto as

identidades goianas foram apropriadas pelo capital e reconstruídas pelas ressignificações dos discursos midiáticos e pela força da globalização.

Algumas questões de ordem política podem explicar a presença de grande parte de migrantes no estado de Goiás e principalmente na região metropolitana de Goiânia (Aparecida de Goiânia, Senador Canedo, Trindade, Goianira). Eles dão forma a diferentes grupos sociais, étnicos no estado e principalmente na capital. Como por exemplo, as políticas populistas de apoio a ocupação da região, após a década de 1980, de acordo com Chaveiro (2007, p. 75):

Especialmente os Governos estaduais a partir da década de 1980 depois com a consolidação da prática neoliberal (...) manteve o regime populista e demagógico: estabeleceu um plano de cestas básicas, de doação de leite e de ofertas de lotes entre os matagais dos municípios da Grande Goiânia, especialmente de Aparecida e Trindade.

Transformações no território goiano, ligadas as transformações do Brasil, podem explicar a fluidez das identidades goianas ligadas a uma rede globalizadora de informações, capital, cultura, símbolos. Elas nos ajudam a entender como as identidades goianas foram se construindo e, também, as identidades aos territórios, conforme Chaveiro (2007, p. 27):

A forma como o território nacional foi se constituindo, especialmente para se organizar para dar vazão a uma economia controvertida-de dentro para fora-permitiu que o pensamento social brasileiro criasse categorias pejorativas para se pensar Goiás. Isolamento econômico, atraso, decadência, juntamente com vazio demográfico são diferentes nomes que se tornaram, depois, bandeiras e justificativas de um conjunto de políticas territoriais em Goiás. Marcha para Oeste, criação de ferrovias, construção de Goiânia, companhias colonizadoras, construção de Brasília, efetivação de um tronco rodoviário, ligando norte ao sul, modernização da agricultura, criação do Estado do Tocantins, construção de Palmas, e mais recentemente, a criação da hidrovia do Araguaia e da usina Serra da Mesa são algumas das principais intervenções no território goiano.

Incorporar cultura e os símbolos pertencentes ao território, é dizer que pertencemos ao território e não o contrário. Nós somos territórios, e seus significados são fundamentais para o ser humano. A concepção de Bonnemaïson e Cambrezy (1996) apud Haesbaert (2004, p. 111) remete á isso, e explica a carga simbólica que o território se apresenta:

Pertencemos a um território, não o possuímos, guardamo-lo, habitamo-lo, impregnamos-nos dele. Além disso, os viventes não são os únicos a ocupar o

território, a presença dos mortos marca-o mais do que nunca com o signo do sagrado. Enfim, o território não diz respeito apenas à função ou ao ter, mas ao ser. Esquecer este princípio espiritual e não material é se sujeitar a não compreender a violência trágica de muitas lutas e conflitos que afetam o mundo de hoje: perder seu território é desaparecer.

Portanto os símbolos identitários de Goiânia possuem representações que podem estar sendo interpretadas na perspectiva da abordagem cultural da Geografia. Estes símbolos estão calcados no território. Para Haesbaert (2004, p. 122) há três concepções de território: “jurídica política: o território é entendido de maneira limitada e controlada, geralmente pelo estado”, “cultural (ista): de caráter simbólico e identitário”, “econômica: na qual se destaca a perda do território no movimento de re-produção do capital”. Para ele “o território é construído no jogo entre material e imaterial, funcional e simbólico”. O autor compartilha da ideia de Bonnemaïson, de que os territórios estão impregnados de símbolos.

3. Lugar e ensino de Geografia

Quais os territórios simbólicos de Goiânia no ensino de Geografia? Seria como os rótulos midiáticos da cidade estão representados em sala de aula, os espaços públicos, a periferia, os lugares de lazer, as tribos urbanas, os conflitos de classes sociais e de identidades na cidade, o trabalho informal, as praças, feiras, migrantes, redes comerciais, são vários assuntos e temas que podem compor uma geografia sociocultural escolar de Goiânia.

Uma das bases para se interpretar as identidades, o território simbólico e social pode ser o lugar, Ele integra sujeitos e cidade, remete símbolos afetividade, é onde acontecem as relações que moldam as identidades: “O lugar é a base da reprodução da vida e pode ser analisado pela tríade habitante-identidade-lugar”, conforme Carlos (1999, p. 20).

O lugar são os mundos vividos, caracterizado basicamente pela experiência vivida (FREMONT, 1976), os familiares, amigos, o bairro, a casa. Para Tuan (1983) o lugar é “íntimo”, é onde a pessoa se integra, tem significados, afetividade, emoção. Para Castro (2001, p. 14) “O lugar não é apenas caracterizado pela relação homem-meio”.

No lugar ocorre a articulação dos diversos lugares do mundo. Para Santos (1988, p. 41) “os lugares que se mundializam e não o mundo”. Ou seja, o lugar está também conectado com o mundo. O lugar também é representado pelas paisagens naturais e culturais. A natureza e a cultura estão entrelaçados conforme Claval (1999, p. 101): “A cultura não fala somente do espaço; ela fala também da natureza. Ela o toma

simultaneamente como um meio a dominar para extrair aquilo que é necessário á existência é como um conjunto carregado de sentido.”

A teoria de identidade se aprofunda nas ciências humanas e sociais a partir do século XIX, sobretudo nas análises antropológicas, pois neste século foram ocorrendo alguns outros fatores que contribuíram para essa reflexão. Os principais fatores são apontados por Cardoso (1992, p. 80) como: “Perda de confiança e das referências marxistas, por serem articulado no viés econômico, o desenvolvimento das idéias, pós-guerra relacionadas aos direitos humanos, e o significativo descrédito das teorias racistas.” Após a Segunda Guerra Mundial, Levi Strauss apud Cardoso (1992, p.82) produz uma interpretação do pensamento social ocidental, a partir das pequenas sociedades indígenas americanas, o que serviu de base para formular a teoria geral da identidade. (CUNHA, 2006)

As modificações nas teorias de identidade se dão na década de 1970, até então a identidade brasileira era concebida como “consciência do índio”, como foi dito por Darcy Ribeiro (apud Cardoso 1992). Não havia anterior a década de 1970 uma discussão de identidade de cunho sociológico somente indigenista. No Brasil, na década de 1970, um grupo de antropólogos brasileiros, estudou os índios daqui após estudarem os índios reconhecendo que os índios no Brasil têm uma “noção de pessoa que se explica pela corporalidade”, Cardoso (1992)os critica e diz que eram como “especialistas da simbologia do corpo.” Essas eram as primeiras análises antropológicas de identidade.

Na Geografia, o discurso de que a identidade do homem era dada pela natureza se consolida com as idéias de Friedrich Ratzel (1844-1904). A geografia sistematizada na Alemanha, por Ratzel, e a geografia escolar nascem entrelaçadas ao projeto alemão de criar uma identidade nacional á seu povo, visando defender o território, e seu estado. Segundo Claval (1999, p. 20 e 21) Ratzel foi o primeiro a usar o termo geografia cultural em sua obra publicada nos EUA em 1880.Nela ele definia cultura como “conjunto de utensílios e de know-how que permite aos homens apropriarem do meio”.

Em meados do século XVIII La Blache foi quem passou a analisar a diferença dos povos, não só pelo “determinismo ambiental”, diferenciação das populações pela sua cultura, ou seja, o conjunto de hábitos, costumes e técnicas.Ele entendia que o homem poderia transformar o meio de acordo com a sua cultura, e a própria construção de sua identidade. Sobre a cultura na visão de La Blache, Almeida (2008, p. 41) acrescenta:

A cultura era, para La Blache e seus seguidores – e Ratzel também tinha a mesma interpretação – o que se entrepõe entre o homem e o meio e humaniza as paisagens. A cultura pertinente seria aquela apreendida através dos instrumentos que as sociedades utilizam e as paisagens por eles modeladas. Entretanto, estes elementos só têm sentido como componente de gênero de vida.

Desse modo a geografia inicialmente tem por objetivo servir o estado. A geografia escolar, tinha o fundamento do patriotismo para despertar o senso de defesa do território alemão. Assim, a geografia escolar ganha condições de tornar-se disciplina escolar por que ela seria útil na afirmação da identidade nacional alemã e na explicação do poder de determinados povos sobre outros. Ou seja, a geografia torna-se uma ferramenta interessante à classe dirigente alemã e européia. Já na França a geografia escolar ganha importância com Vidal de La Blache depois que a França perdeu a guerra Franco-prussiana para os alemães. (TONINI, 1998).

Na década de 1970, com a corrente de pensamento da Geografia Crítica, calcada nas idéias marxistas, começa um processo de reflexão quanto ao modelo da geografia escolar no Brasil. Os geógrafos passam a questionar o propósito da geografia, e isso passa a ser traduzido na construção dos livros didáticos, com temas mais polêmicos e vinculados à realidade, envolvendo questões sociais, que possibilitariam a criticidade dos estudantes e a interpretação da realidade á sua volta.

Na década de 1980, se intensifica esse debate, inserindo ainda o engajamento da luta social pela geografia crítica. Nos livros didáticos a cultura e as identidades passam serem representadas junto com temas da geografia crítica, da geografia política, como por exemplo, os confrontos étnicos políticos, e culturais.

A preocupação com o ensino da geografia crítica veio se concretizar na publicação de livros didáticos de José William Vesentini, já na década de 1990, e, posteriormente, de outros autores da geografia crítica. E a discussão sobre identidade na Geografia se aprofunda a partir da década de 1990 também, dentro da corrente geografia crítica na vertente da Geografia Humanista, em uma abordagem cultural (esta que já tinha tido respaldo sob as concepções de Carl Sauer na década de 1930) tendo como base agora a geografia francesa de Claval. Sobre a Geografia Cultural Claval (1999, p. 89) destaca:

A geografia Cultural está associada á experiência que os homens têm da Terra, da natureza e do ambiente, estuda a maneira pela qual eles modelam para responder ás suas necessidades, seus gostos e suas aspirações e procura compreender a maneira como lês aprendem a se definir, a construir sua identidade e a se realizar.

Assim a geografia cultural seria uma abordagem interessante e necessária para compreendermos como o discurso da goianidade é construído no ensino de Geografia, ele procura interpretar como estabelecemos esse modo de vida e ele se concretiza com os discursos midiáticos, das relações de poder, do dia-a-dia, enfim com as relações sociais.

As identidades nos livros didáticos podem ser interpretadas a partir de conteúdos que enfocam conflitos separatistas, na reforma agrária, os aspectos culturais do Brasil e do mundo. São abordados junto à categoria região, na formação espacial e territorial, nos movimentos sociais da América Latina e de um modo geral, a cultura passa a ser analisada nas interferências com os problemas ambientais, entre outras abordagens na perspectiva da geografia crítica, conforme as análises de Tonini (2003, p. 74):

Na maioria dos livros didáticos, no entanto a noção de cultura continua sendo transmitida pelos enfoques mais tradicionais. Apresentam-se por exemplo: manifestações artísticas (festas de cada região-carnaval, junina) e religiosas (as procissões a ida de todo muçulmano a Meca-; as crenças- a divisão de castas na Índia); objetos reunidos como uma coleção de artefatos (museus); indumentárias (fotografias de pessoas com as roupas típicas de sua cultura); comportamentos (da mulher no mundo islâmico).

Em 2008, realizamos a leitura e a análise de alguns livros didáticos, para confirmar a existência da abordagem cultural da geografia, as identidades, a cultura, nestes livros. O resultado encontra-se nas tabelas 1 e 2..

Tabela 1: Identificação de livros didáticos e a formação dos autores. A abordagem cultural nos livros didáticos de Geografia brasileiros: 6º ano e 7º ano

Identificação dos livros	Formação dos autores ou áreas de atuação
ADAS, Melhem. Geografia Noções básicas de geografia . 5 edição. São Paulo: moderna, 2006.	PUC (Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.) professor da rede pública e privada de SP.
CARVALHO, Marcos Bernardino de; PEREIRA, Diamantino Alves Correia. Geografias do mundo. Fundamentos . SP: FTD, 2005.	Carvalho, Professor Doutor da pontifícia Universidade católica de SP. Pereira, professor Doutor da pontifícia Universidade Católica de SP.
GARCIA, Hélio Carlos; Garavello, Tito Marcio. Lições de Geografia. Introdução aos estudos geográficos . SP: Scipione, 2007.	Garcia cursou economia na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo e é professor e autor de geografia Sistema Anglo de Ensino (SP). Garavello cursou geografia no Centro Universitário FIEO, em SP, e é professor e autor de Geografia do Sistema Anglo de Ensino em SP.
LINHARES, Francisco. Geografia contextualizada . Recife: Construir, 2006.	Não consta formação e lugar de atuação.
MARTINS, Dadá; BIGOTTO, Francisco; VITIELLO, Márcio. Geografia sociedade e	Martins (Bacharel em geografia pela UFCE, mestre e doutora pela USP, professora

cotidiano. Fundamentos do espaço geográfico. SP: Escala educacional, 2006.	adjunta do centro de educação da Universidade federal da Paraíba). Bigotto (bacharel e licenciado em geografia pela Faculdade de Filosofia , Letras e Ciências Humanas de SP, Licenciado em Geografia pela USP, professor da rede pública e particular de SP) Vitiello (Bacharel, licenciado e mestre em Geografia pela USP, professor universitário.)
MOREIRA, João Carlos; SENE, Eustáquio de. Trilhas da geografia. A Geografia no dia-dia. SP: Scipione, 2006.	Moreira é bacharel e mestre em Geografia pela USP e professor de geografia de ensino médio e cursos pré-vestibulares. Sene é bacharel, licenciado e mestre em Geografia pela USP e professor de geografia de ensino médio e cursos pré-vestibulares.
MOREIRA, Igor. Construindo o espaço humano. Sp: Ática, 2004.	Professor titular de geografia humana e econômica da Faculdade porto-alegrense de Educação, Ciências e letras.
OLIVA, Jaime Tadeu; FONSECA, Fernanda Padavesi; COSTA, Gilberto pamplona da; GIANANTI, Roberto. Olhar geográfico. O conhecimento do planeta Terra. SP: IBEP, 2006.	Ambos graduados e atuantes em SP.
PIFFER, Osvaldo. Estudando as paisagens. SP: IBEP, 2003.	È professor de Geografia e Filosofia, e diretor pedagógico do Colégio IAVNE em SP, escreve livros e poesias.
PIRES, Valquiria; BELLUCCI, Beluce. Geografia-projeto radix. SP: Scipione, 2005.	Pires é licenciada em Geografia pela Universidade Estadual de Londrina e pós-graduada em História e filosofia, professora do ensino fundamental e médio. Bellucci é licenciado em Estudos econômicos e sociais e doutor pela Universidade de paris (Sorborne), doutor em história econômica pela USP, e diretor do Instituto de Humanidades da Ucam-RJ e centro de estudos Afro-asiáticos da mesma instituição.
SAMPAIO, Francisco Coelho. Geografia do século XXI. Redescobrimdo o planeta Azul: a Terra pede ajuda. 2 edição. Curitiba: Positivo, 2005.	Professor do departamento de Geografia da Universidade Estadual do Ceará.

Organizado por BORGES, Joyce de Almeida. Com dados da Biblioteca da Secretaria Municipal de Educação: Goiânia, 2008.

Nesta tabela, os resultados revelam a perspectiva citada acima por Tonini e, pode-se notar que os principais livros de Geografia do Brasil são feitos por autores da região sudeste. Estes autores apresentam basicamente idéias culturais sistematizadas a partir do cotidiano da região em que estes vivem. As identidades goianas, o espaço goianas, conflitos urbanos e rurais de Goiás, paisagens de Goiânia, e do estado de Goiás, não são nem ilustrados por estes livros. Como o estudante goianiense pode então

se sentir sujeito do processo ensino-aprendizagem, se não há uma contextualização mais próxima de sua realidade nos livros?

A partir de tal questionamento sentiu-se a necessidade de se pesquisar quais os dois principais livros didáticos de Geografia do ensino fundamental adotados entre as escolas municipais de Goiânia no ano de 2008 até 2010. São dois autores reconhecidos no trabalho com livros didáticos no Brasil, apresentados na tabela 02:

Tabela 2: Livros didáticos selecionados pelos professores em Goiânia.

6º ano	7º ano
Geografia Crítica - O espaço social e o espaço brasileiro. José William Vesentini. Vânia Vlach.	Geografia Crítica- A formação do espaço geográfico. José William Vesentini. Vânia Vlach.
Geografia. Noções básicas de Geografia. Melhem Adas.	Geografia. Construção do espaço brasileiro. Melhem Adas.

Organizado por BORGES, Joyce de Almeida, com base em Recibo da saída da distribuição da reserva técnica PNLD/2007.

Estes dois livros analisados cultura e espaço goiano presentes em seus capítulos, constata-se que no 6º ano, não há nenhuma menção a esses temas. Os assuntos versam sobre o conhecimento natural do planeta, e a alfabetização cartográfica, ou seja, o enfoque são os elementos físicos da Terra.

E nestes livros destes mesmos autores, do 7º ano, Goiás é abordado dentro do Complexo regional Centro-Sul. Limita abordagem física, juntamente com o clima da região, a ocupação humana, a metropolização de RJ e SP. Um parágrafo em cada livro sobre Goiás, mostrando o aspecto econômico do estado, ressaltando o cultivo agrícola como base econômica de Goiás. Anápolis, Brasília e Goiânia são apenas citadas como cidades em crescimento. O Pantanal é bastante lembrado também. E quanto à cultura da região, se resume às festas tradicionais gaúchas, com figuras e comentários, a cultura goiana se quer é citada. Assim, cabe ao professor fazer essa contextualização. Diante disso, preocupa-se em investigar. Será que isso tem sido feito em Goiânia? Como os professores interpretam a cultura goiana em sala de aula? Essas são umas das perguntas centrais.

Esse projeto e pesquisa tem em vista investigar as identidades goianas dando ênfase a organização espacial proposta por Claval (1999, p. 224) uma vez que para ele: “os hábitos, preferências, sonhos e aspirações que os indivíduos adotam nas representações que compartilham possuem dimensões espaciais.”

As representações sobre Goiânia e do estado de Goiás, são enfatizadas na mídia. O aspecto agrário do estado se estendendo a Goiânia, e perpassa por um enfoque na cultura sertaneja. Conforme Silva (2007, p. 12) Goiânia é rural, country, interiorana, terra de migrantes, cidade “das praças, das flores, ecologicamente correta”, são vários rótulos.

No caso de Goiânia o sertão também se reveste de potencial identitário. A imagem do sertão se contrapõe com a concepção de modernidade e civilização que surge com a nova capital de Goiás. Mas, também, é retratada, principalmente, na música sertaneja como uma característica marcante da identidade goiana. O paradoxo entre litoral e interior; cidade e sertão publicado pela Revista Oeste em 1942, época do batismo cultural de Goiânia, evidencia o papel da paisagem nos dilemas da construção da identidade goiana. [...] Goiaz é o filho que fugiu do litoral e foi ressurgir dentro do mato, dentro do que é mais Brasil, um exemplo de coragem. A sós, sem a assistência do pai zeloso, foi colher dentro do sertão um dos mais raros frutos da brasilidade.

Assim, pretende-se apontar como Goiânia sido construída pelos discursos dos professores de Geografia, as aulas de campo realizadas em Goiânia, os lugares das identidades goianas, os principais espaços no imaginário dos estudantes que dão formas as identidades sociais do estado, e os agentes que contribuem com esse processo. A Geografia tem contribuído para fortalecer os discursos midiáticos sobre Goiânia, ou é instrumento para construção de novos rumos do que é viver na cidade de Goiânia e no estado de Goiás? É possível, a partir do ensino de Geografia, interpretar a transferência da prática cultural realizada no território?

Considerações finais

A pesquisa ainda está em fase inicial, ainda não se tem dados concretos a respeito do fenômeno identidades goianas no ensino de Geografia em Goiânia. Portanto, seguiremos às luzes da fenomenologia. O objetivo é dar vozes aos sujeitos da pesquisa e lançaremos nossos olhares acerca da trajetória espacial de professores e estudantes do ensino fundamental de Geografia, em torno das representações sobre a cidade que vivem.

Despidos de qualquer interpretação que antecede aos resultados, sem querer produzir de forma apressada uma verdade, a fim de conceber uma percepção próxima do contexto vivido pelos sujeitos da pesquisa (professores, estudantes, moradores de

Goiânia), ainda não podemos concluir um resultado nem mesmo parcial de como as identidades goianas ganham territorialidades no ensino de Geografia.

Aos poucos estudando e interpretando esse processo. Pois a metrópole de Goiânia conduz e induz as identidades, os sujeitos dão voz à cidade. Com o tempo traçaremos alguns elementos mais específicos de como isso é proposto pelo ensino de Geografia.

Referências

ALMEIDA, Maria Geralda de, RATTI, Alessandro JP. **Geografia: leituras culturais**. Goiânia. Alternativa, 2003.

_____. **Aportes teóricos e os percursos epistemológicos da Geografia Cultural**. Geonordeste (publicação do) Núcleo de Pós-Graduação em Geografia, Universidade Federal de Sergipe- Ano 1, nº 1, 1984. São Cristóvão: Universidade Federal do Sergipe, 2008, nº 1.

ARRAIS, Tadeu de Alencar. **Goiânia: os discursos no urbano e as imagens da cidade**. Goiânia, editora da UFG, 1999.

_____. **Geografia contemporânea de Goiás**. Goiânia: Vieira, 2004.

Bonnemaison, Joel. **Viagem em torno do território**. In: Rosendhal. Z; Correa, R.I. *Geografia Cultural: um século* (3). RJ, Eduerj, 2002.

BOSSÉ, Mathias Le. **As questões de identidade em Geografia cultural**. In: ROSENDAHL, Zeni; CORRÊA, Roberto L. *Paisagens, textos e identidade*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2004, p.157-179.

CHAVEIRO, Eguimar Felício. Et all(org). **Geografia e Cultura os lugares da vida e a vida dos lugares**. Goiânia. Vieira, 2008.

_____. **Uma metrópole em travessia**. Tese de doutorado. São paulo, 2001.

_____. **Goiânia, travessias sociais e paisagens cindidas**. Goiânia: UCG, 2007.

CASTROGIOVANNI, Antonio, KARCHER, Nestor, CALLAI, Copetti Helena. **Ensino de Geografia: práticas e textualizações no cotidiano**. Porto Alegre. Mediação, 2000.

CAVALCANTI, Lana de Souza. **Uma Geografia da cidade – elementos da produção do espaço Urbano**. In: CAVALCANTI, Lana de Souza (Org). *Geografia da Cidade*. Goiânia: Alternativa, 2001, p.11-32.

_____. **Geografia as práticas de ensino**. Goiânia. Alternativa, 2002.

_____. PAULA, Flávia Maria (orgs). **A cidade e seus lugares**. Goiânia: Vieira, 2007.

CARDOSO, Roberto. **Identidade, etnia e estrutura social**. SP. Editora: Pioneira, 1976.

CLAVAL, Paul. **As abordagens da Geografia Cultural**. In: ____ CASTRO, Iná Elias et all (org). *Explorações geográficas: percursos no fim do século*. RJ. Bertrand Brasil, 1997. p. 89-117 .

_____. **“A volta do cultural” na geografia**. Pág 18 á 29. Revista de Geografia da UFC, ano 01, nº 01, 2002.

_____. **A geografia cultural**. [trad. A. L. F. Pimenta e M. C. Afeche Pimenta] Florianópolis. UFSC, 1999.

CASTELLS, Manuel. **O poder da identidade**. [trad: Klauss B. Gerhandt.] Vol. II. SP. Paz e Terra, 2000.

CASTRO, Jânio Roque Barros de. **Desafios e potencialidades da Geografia cultural nos espaços educacionais: uma abordagem reflexiva e propositiva**. Texto publicado nos anais: *VII Seminário Internacional sobre Território y cultura*. 24 a 27 de março de 2008. Goiânia, 2008.

CARLOS, Ana Fani A. **O lugar no do mundo**. São Paulo: Hucitec, 1999.

CUNHA, Maria Pereira. **Apontamentos sobre identidade**. Goiânia, 2006. (texto não publicado)

HAESBAERT, Rogério; ARAUJO, Frederico Guilherme Bandeira de. **Identidades e territórios: questões e olhares contemporâneos**. RJ. Access, 2007.

_____. **Identidades territoriais**. In: *Manifestações da cultura no espaço*. Org: ROSENDAHL, Zeny; CORREA, Roberto Lobato. RJ: EDUERJ, 1999.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Tradução: Tomaz Tadeu da Silva. 5º edição. RJ. DPeA, 2001.

LOPES, Marcos Pitter. **A concepção de cotidiano do aluno no ensino de Geografia de 8º e 9º no ensino de Geografia do Colégio Estadual Joaquim Pedro Vaz da cidade de Inhumas**. Monografia. UEG da Unidade da Cidade de Goiás, 2007.

MACCDOWELL, Linda. **A transformação da geografia cultural**. GREGORY, D.,

MARTIN, RON, SMITH, GRAHAM. In: Geografia Humana: sociedade, espaço, e ciência. (trad. Mylan Isaack) Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1996. p.159 a 183.

MORAES, Antônio Robert de. **Geografia Pequena História Crítica**. SP: Hucitec, 1983.

SILVA, Tomaz Tadeu da; HALL, Stuart; WOODWARD, Katryn. **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. Petrópolis, Vozes, 2000.

SILVA Clarinda A. MANCINI, Cristiane R. Percepção do patrimônio cultural art déco de Goiânia: caminhos de identidade local, caminhos de turismo. 2007. 38 f. Relatório (Pesquisa de Iniciação Científica). Centro Federal de Educação Tecnológica de Goiás, Goiânia, Goiás.

TUAN, Yi-Fu. **Espaço e lugar: a perspectiva da experiência**. Tradução de Livia de Oliveira. SP: DIFEL, 1983.